

“Queremos aula livre e futebol, professor”: o caratê na rede estadual de ensino

Luiz Alberto dos Santos

O presente trabalho foi realizado no 1º semestre de 2016, na Escola Estadual Prof. Pascoal Maimoni Filho, localizada no bairro Jardim Angélica II, na cidade de Guarulhos (SP), com cinco turmas do 5º ano, do Ensino Fundamental I. Fui professor dessa instituição de 2012 a 2013, regressando a ela após trabalhar por dois anos em outra unidade da mesma região.

Na tentativa de colocar em prática o currículo cultural da Educação Física, entendendo este como o que melhor dialoga com nossa sociedade atual, por buscar a valorização das diferenças culturais, procurei atrelar o planejamento das aulas ao Plano Político Pedagógico da escola. Porém, as muitas tentativas e pedidos para observar tal documento não foram atendidas por parte da gestão escolar. Para evitar essa lacuna no planejamento, procurei atender a esse princípio do currículo cultural observando o projeto “Ler e escrever”, da rede estadual, que elenca como um de seus objetivos para as aulas de Educação Física: “contribuir na leitura e escrita do gesto, entendendo-o como produtor de culturas”.

Os diálogos iniciais com as turmas foram difíceis, pois, os muitos relatos das crianças mostravam que estavam acostumadas com outras concepções de ensino do componente. Muitos meninos iam para a aula com seus equipamentos e vestimentas de futebol (tênis, caneleira, meião, luva), muitas meninas afirmavam que não gostavam de “fazer” as aulas. Ao explicar o trabalho que seria realizado e como eu entendia a Educação Física, fui muitas vezes xingado pelas crianças, mas sempre tentávamos resolver cada reclamação e desavença que acontecia por meio do diálogo. A turma mais resistente ao trabalho foi o 5º ano C.

Além das conversas para saber um pouco mais do que haviam estudado nos anos anteriores e das práticas corporais com as quais interagiram fora da escola, realizamos coletivamente o mapeamento do universo cultural corporal da comunidade com o auxílio de pequenos mapas do entorno, que nos ajudaram a reconhecer as práticas corporais que poderíamos encontrar no bairro. Pontuamos todas elas em uma lista e percebemos que havia um número grande de academias de luta. Nos diálogos que antecederam o início das vivências, muitas crianças, em todas as turmas, disseram ser ou ter sido praticantes de caratê estilo Shotokan. Partindo dessas constatações, optei pelo tema luta, definindo o caratê como a prática corporal que seria tematizada. Nesse momento, também expliquei a importância do registro e conversamos sobre como ele poderia ser realizado. Todas as turmas optaram pelo caderno, e concordaram que a cada aula fosse escolhida uma criança para realizá-lo.

Iniciamos o estudo observando algumas imagens da luta. Nesse momento, as crianças se posicionaram acerca do que conheciam da prática e do que pensavam sobre a luta na escola. Em algumas turmas, as crianças viam no caratê algo violento, que não poderia ser objeto de estudo na escola, em outras, isso não ficou evidente, sendo a questão da mulher na luta o que mais chamou a atenção, pois, para algumas meninas, “o corpo da mulher é frágil” e ela não poderia lutar.

Com esses posicionamentos das crianças, pude selecionar e reelaborar as expectativas de aprendizagem⁴³ que encaminhariam as atividades de ensino: “identificar aspectos nominais e factuais do caratê – vestimenta, golpes, histórico, tipos”; “expressar opiniões pessoais no tocante às estratégias pessoais e coletivas a serem adotadas na prática do caratê”; “reconhecer os discursos que constroem a mulher como ‘sexo frágil’ e a luta como violenta”.

Dando sequência ao trabalho, conversamos sobre como poderíamos vivenciar o caratê em nossas aulas e, nesse momento, as crianças que tinham experiência na luta auxiliaram as demais, ensinando-lhes alguns golpes. Outra contribuição dada por essas crianças foi a apresentação dos seus materiais de luta (quimono, luvas, faixas, bandagem). Elas também explicaram algumas partes do treinamento⁴⁴ de caratê que faziam em suas academias, sendo elas o *kihon*, o *kata* e o *kumite*. Para complemen-

tar a vivência dos golpes, levei às aulas algumas folhas com imagens dos golpes e vídeos com tutoriais sobre as técnicas empregadas no caratê. Ao analisarem os vídeos, as crianças de todas as turmas perceberam que o professor “gritava” ao final de cada golpe. No 5º ano A, o Illison explicou que o grito se tratava do *kiai*, e que também existia o *kime*, que seria a força do golpe concatenada com a respiração, aumentando assim a potência dele. Já o *kiai* seria uma forma de soltar a energia e de intimidar o oponente. As demais turmas não souberam explicar e a dúvida foi anotada no caderno de registro das salas e do professor.



Nesse período das aulas, a turma do 5º ano C era a que mais resistia ao trabalho, tanto que chegou a fazer um abaixo-assinado e entregar à coordenadora da escola. Nele a turma pedia a volta das “aulas livres”, a mudança das relações do caratê e, de vez em quando, aulas de futebol. Em nenhum momento briguei com a turma, ao contrário, reforcei que deveriam lutar sempre que se sentissem prejudicados em alguma coisa, mas que naquele momento o trabalho continuaria, pois os argumentos citados na carta não faziam sentido, uma vez que beneficiavam somente algumas crianças.

Prosseguindo o trabalho, iniciamos o *kihon*⁴⁵ e, nessa etapa, o Illison (5º ano A) contribuiu bastante com o estudo, explicando o *kihon* para as demais turmas e promovendo várias vivências. Ele também auxiliou no

estudo dos *katas*,⁴⁶ mostrando as execuções e os significados. Ao aprofundar o estudo dos *katas* com as turmas, percebemos que eles não poderiam ser criados e que as pessoas que praticavam o caratê, ao trocar de faixa, tinham que fazer alguns *katas* sem qualquer erro. Cada faixa tem um *kata* a ela correspondente. Como atividade, sugeri à turma que construíssemos nossos *katas*, seguindo o que foi explicado e mostrado pelo Illison. E assim foi feito. Em alguns casos, os *katas* foram construídos em grupos, em outros, individualmente. Não obriguei todas as crianças a realizar a atividade, algumas participaram observando e comentando.



A fim de contribuir para um melhor entendimento do caratê, estudamos a história do estilo Shotokan, sem deixar de explicar que existem outros. Percebemos o significado do nome **caratê** e do seu complemento, **do**, sendo sua tradução para o português: “o caminho das mãos vazias”. Reconhecemos também suas origens chinesas, indianas e japonesas e as mudanças de representação da luta com o passar do tempo.

Outra atividade elaborada para ampliar e aprofundar os conhecimentos das crianças sobre o tema foi a entrevista com o *sensei*⁴⁷ de caratê Shotokan Rodrigo. Professor do Illison e de outras crianças, ele foi convidado a apresentar seus conhecimentos sobre a prática. Antes, redigimos coletivamente perguntas sobre a arte marcial. Uma delas cha-

mou minha atenção, pois Julia, do 5º ano E, queria saber a inspiração do professor para lutar caratê, porque ela gostaria de ser carateca e se inspirava em uma personagem do *video game* Street Fighter.⁴⁸ As demais perguntas abrangeram assuntos como a violência na luta, os outros estilos de caratê, a troca das faixas e graduação, e o significado da luta para o *sensei*.

No dia da entrevista, todas as turmas envolvidas participaram da atividade na quadra. Rodrigo explicou as saudações, organizou uma vivência nos mesmos moldes das que propõe em sua academia, respondendo a todas as perguntas elaboradas previamente e às que surgiram a partir de suas explicações. Após a entrevista, registramos as informações fornecidas e as crianças puderam avaliar a atividade. Todas as falas foram positivas e consistiam em afirmar que foi uma experiência diferente, e que nunca haviam passado por isso.





Logo na sequência, iniciamos conversas sobre o *kumite*,⁴⁹ pois, no entender de algumas crianças, mesmo com as explicações do *sensei* Rodrigo, não se poderia realizar a luta na escola por conta da violência. Para tanto, fizemos a leitura de vídeos do *kumite*, observando características da prática. Os vídeos tratavam do *kumite* de semicontato e de contato. Ao dialogar com as crianças sobre as leituras que fizeram das imagens, elas pontuaram que, na escola, teríamos que vivenciar o de semicontato, para que ninguém saísse das aulas machucado. Coincidentemente, essa escolha foi feita por todas as turmas. Além do tipo de *kumite*, as crianças citaram os materiais necessários para o combate e construíram as regras necessárias para a luta.



Após a vivência do *kumite*, voltamos a analisar as falas sobre a “fragilidade feminina”. Para tanto, discuti com as crianças a possível vivência do *video game* em nossas aulas por conta da fala da Júlia, do 5º ano E, sobre sua inspiração para ser lutadora. A grande maioria das crianças afirmou que jogava *Street Fighter* e que gostava do Ryu, Ken e Sakura, personagens que lutavam caratê.

Então, partimos para a vivência do jogo *Street Fighter 4*, pois eu havia lido um artigo científico que analisava a representação feminina da carteca⁵⁰ nesse mesmo jogo, através das personagens Sakura e Makoto, cuja silhueta evidenciava certos padrões corporais femininos frágeis, delicados e com atributos que contribuem para a erotização do corpo feminino. Combinamos como aconteceria a vivência e que utilizaríamos as duas lutadoras, em um primeiro momento, para analisar esses aspectos e, em seguida, utilizaríamos os personagens Ryu e Ken para comparar os corpos masculinos e femininos e como eles são construídos culturalmente. Junto a isso, pedi às turmas que registrassem suas análises para que pudessemos discuti-las.

Cada registro lido pelas crianças trazia características pontuadas pelo artigo, e as crianças iam falando como “deveriam ser” os corpos da mulher e do homem para que fossem socialmente aceitos. A problematização do discurso da fragilidade feminina envolveu o estudo e o debate

sobre seu surgimento. Constatamos que em séculos passados a mulher realizava atividades junto com o homem, sendo, em muitos momentos, endeusada por ter o “dom da vida”. Porém, a circulação de determinadas crenças religiosas levou à disseminação de representações que inferiorizavam a mulher em relação ao homem, fazendo com que ela ocupasse certas posições de subalternização, transformando-se em objeto de cuidados excessivos, cabendo ao homem zelar por sua segurança e honra por considerá-la um ser indefeso.



Ao discutir essas questões com as crianças, algumas turmas citaram o fato de que “hoje em dia não é mais assim”, que “as mulheres são mais feministas”, “merecem o mesmo respeito que o homem”. Já outras citaram o fato de que “ainda há muito preconceito em relação à mulher”, “o homem, por se achar mais forte, estupra as mulheres”, e a Júlia citou ainda que sua mãe não cogita o fato de ela praticar artes marciais por “achar que é coisa de menino”.

Para finalizar o estudo, retomamos as primeiras imagens de pessoas lutando caratê que foram apresentadas no início do projeto, com o objetivo de realizar uma nova leitura. As crianças expuseram seus entendimentos coletivamente, algumas identificando as técnicas empregadas e utilizando as terminologias próprias da prática. Para complementar o trabalho, o 5º ano A decidiu que também construiria um filme⁵¹ com as fotos e vídeos registrados durante as aulas.

Ao analisar os registros, pude perceber que, mesmo faltando aprofundar e ampliar alguns conteúdos que emergiram durante as atividades, ou não tendo me atentado a outros que poderiam ser estudados, o projeto consistiu em um interessante desafio ao propor um currículo diferente daquele a que as crianças estavam acostumadas. Algumas continuaram reclamando das aulas, mas até mesmo elas disseram que foram ouvidas e que fizeram “algo diferente” daquilo que haviam feito até então. Já outras compreenderam que há inúmeros aspectos envolvidos nas aulas de Educação Física, bem maiores do que o fazer pelo fazer, e isso estimula a dar continuidade à perspectiva cultural.